



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO  
CURSO DE ANTROPOLOGIA

GABRIEL LUCAS FERREIRA DE MELO

**DANÇANDO COM A DIVERSIDADE:**  
**Um estudo etnográfico sobre dissidências de gênero e sexualidades na Quadrilha Junina**  
**Encanto Matuto de Itapororoca – PB**

RIO TINTO, PB  
2024

GABRIEL LUCAS FERREIRA DE MELO

**DANÇANDO COM A DIVERSIDADE:**  
**Um estudo etnográfico sobre dissidências de gênero e sexualidades na Quadrilha Junina**  
**Encanto Matuto de Itapororoca – PB**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção de título de bacharelado em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba.

**Orientadora:** Dr<sup>a</sup> Luciana Maria Ribeiro de Oliveira

RIO TINTO, PB  
2024

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

M528d Melo, Gabriel Lucas Ferreira de.

Dançando com a diversidade : um estudo etnográfico sobre dissidências de gênero e sexualidades na quadrilha junina Encanto Matuto de Itapororoca - PB / Gabriel Lucas Ferreira de Melo. - Rio Tinto, 2024.  
40 f. : il.

Orientação: Luciana Maria Ribeiro de Oliveira.  
TCC (Graduação) - UFPB/CAAE.

1. Quadrilha junina. 2. Diversidades de gênero e sexualidades. 3. Lazer e sociabilidades. I. Oliveira, Luciana Maria Ribeiro de. II. Título.

UFPB/CAAE

CDU 7:572



Universidade Federal da Paraíba  
Campus IV – Centro de Ciências Aplicadas e Educação  
Coordenação do Curso de Bacharelado em Antropologi

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia 30 de outubro de 2024, reuniu-se, via Google Meet, a comissão julgadora, composta pela **professora Luciana Maria Ribeiro de Oliveira**, presidente da banca examinadora, pela **professora Alessa Cristina Pereira de Souza** e pelo **professor Marco Aurélio Paz Tella** para avaliarem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico **GABRIEL LUCAS FERREIRA DE MELO**, matrícula **20190162893**, como requisito para a conclusão do Curso de Bacharelado em Antropologia desta Universidade. O presente trabalho de conclusão tem como título: **“DANÇANDO COM A DIVERSIDADE: Um estudo etnográfico sobre dissidências de gênero e sexualidades na Quadrilha Junina Encanto Matuto de Itapororoca – PB”** sendo orientado pela professora **Luciana Maria Ribeiro de Oliveira**. Após análise, foi atribuída média final 10,0, estando o aluno então APROVADO. Por ser verdade firmamos o presente.

Documento assinado digitalmente  
 **LUCIANA MARIA RIBEIRO DE OLIVEIRA**  
Data: 30/10/2024 16:35:59-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Orientadora

Documento assinado digitalmente  
 **ALESSA CRISTINA PEREIRA DE SOUZA**  
Data: 04/11/2024 17:49:13-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Membro da Comissão

Documento assinado digitalmente  
 **MARCO AURELIO PAZ TELLA**  
Data: 05/11/2024 14:41:36-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Membro da Comissão

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que fizeram parte desta trajetória de alguma forma. Agradeço ao meu marido, Felipe Varelo, por sempre me apoiar e acreditar no meu potencial. Agradeço à minha orientadora, Luciana Ribeiro, por toda a paciência e dedicação. Agradeço à minha amiga de curso, Rosimara Almeida, por compartilhar todos os momentos dessa jornada comigo. Agradeço também a todos que fazem parte da quadrilha Encanto Matuto, onde desenvolvi esta pesquisa e compartilhei alguns dos meus melhores momentos.

*Dedico este trabalho à minha mãe, que teve suas asas cortadas a vida toda, mas nunca cortou as minhas.*

*Dedico também a mim mesmo, pois, em meio às tormentas da mente, mantive-me firme e nunca duvidei de que conseguiria chegar até aqui sendo quem eu sou. E apesar das incertezas e dos inúmeros momentos em que tive vontade de desistir, continuei perseverando.*

*E a todos aqueles que vieram antes de mim e tiveram suas vidas interrompidas precocemente por uma sociedade marcada pelo preconceito. Que suas memórias nos inspirem a continuar lutando por um mundo mais justo e acolhedor para todos nós.*

## RESUMO

Partindo da etnografia de um grupo que faz parte de vivências do pesquisador, este trabalho busca oferecer reflexões sobre aspectos de lazer, sociabilidades e diversidades de gênero e sexualidade na quadrilha junina Encanto Matuto, sediada na cidade de Itapororoca, no interior da Paraíba. O objetivo é transcender a perspectiva da tradição cultural ao demonstrar que o ambiente da quadrilha é mais do que uma manifestação cultural, transformando-se em um espaço acolhedor (ainda que, ao mesmo tempo, desafiador) para jovens com diferentes expressões de gênero e sexualidade. Dos resultados alcançados no estudo, conclui-se que a sociabilidade e o ambiente da quadrilha junina proporcionam para os sujeitos nela inseridos, uma rede de amizades e relações que, mesmo diante de adversidades e das ressonâncias de uma sociedade permeada por preconceitos, esses indivíduos encontram na arte da dança junina sensações de alegria e de realização pessoal. A presente pesquisa destaca não apenas a importância da diversidade no contexto junino, mas também a resiliência desses jovens ao desafiar estigmas e construir um espaço inclusivo, acolhedor e empoderador para si mesmos e seus iguais.

**Palavras-chave:** Quadrilha Junina. Lazer e Sociabilidades. Diversidades de Gênero e Sexualidade.

## **ABSTRACT**

Based on the ethnography of a group that is part of the researcher's experiences, this work aims to offer reflections on aspects of leisure, social interactions, and gender and sexual diversity within the Quadrilha Junina Encanto Matuto, based in Itapororoca, Paraíba. The goal is to transcend the perspective of cultural tradition by demonstrating that the quadrilha environment is more than just a cultural manifestation, evolving into a space that is both welcoming and challenging for young people with different gender expressions and sexual orientations. The study concludes that the sociability and environment of the quadrilha provide its members with a network of friendships and relationships. Despite facing adversity and societal prejudices, these individuals find joy and personal fulfillment through the art of junina dance. This research highlights not only the importance of diversity in the junina context but also the resilience of these young people in challenging stigmas and creating an inclusive, supportive, and empowering space for themselves and their peers.

**Keywords:** Quadrilha Junina. Leisure and Sociability. Gender and Sexuality Diversity.

## Introdução

Com suas raízes profundas na cultura popular nordestina, a quadrilha junina é uma das expressões culturais mais populares nas festividades juninas do Brasil, envolvendo jovens e adultos em uma dança coreografada. O papel social e a participação de indivíduos com diferentes expressões de gênero e sexualidade na quadrilha junina têm atraído cada vez mais a atenção dos pesquisadores. Contudo, apesar desse interesse crescente, as questões de gênero e sexualidade nesse universo ainda apresentam lacunas significativas que precisam ser exploradas.

Sabemos que a Antropologia, historicamente, emergiu com uma lente eurocêntrica e etnocêntrica, inicialmente focada no estudo de povos considerados exóticos e distantes. Somente mais tarde, especialmente a partir do século XX, o olhar voltou-se para dentro, para as próprias sociedades. Nesse contexto, a ciência antropológica oferece atualmente um vasto campo de possibilidades de pesquisa e reflexão em diversas áreas, incluindo, mas não se limitando a: estudos sobre identidade e diversidade cultural, relações de poder e hierarquias sociais, processos de globalização e migração, impactos ambientais e sustentabilidade, saúde e medicina, tecnologia e inovação, entre outros temas que permeiam a complexidade das sociedades humanas contemporâneas, incluindo os estudos de sociabilidades e dissidências de gênero e sexualidades, refletindo a crescente sensibilidade e interesse da Antropologia em questões de diversidade e inclusão social.

Entender uma sociedade na qual o pesquisador está inserido e familiarizado pode ser desafiador, pois tudo parece natural e óbvio, repleto de significados que são conhecidos e internalizados. A antropologia nos convida a olhar para além do familiar, a questionar o que é tido como natural e a explorar os detalhes que escapam ao olhar comum. Essa abordagem amplia os horizontes da pesquisa, revelando possibilidades e enriquecendo o processo investigativo. Como pesquisador, brincante<sup>1</sup>, homem gay e participante de quadrilha junina, busco aqui praticar uma antropologia interna, dando voz e representatividade aos meus iguais. Ao mergulhar nas nuances da comunidade à qual pertença, busco contribuir para um entendimento mais profundo das dinâmicas de gênero e sexualidade dentro desse contexto específico. Escrevendo não somente com minhas palavras, mas junto com as experiências dos

---

<sup>1</sup>Na quadrilha junina, “brincante” é o termo usado para designar o participante que integra a dança, executando as coreografias; ou seja, todo dançarino(a) na quadrilha junina é considerado um brincante.

membros do grupo, me permitindo recuar da autoridade etnográfica tradicional e integrar-me ao todo (Clifford, 2022).

Diante desse cenário, ao adotar uma abordagem qualitativa própria da antropologia e de seu fazer etnográfico, baseio-me em imersões de idas ao campo de pesquisa e de observações participantes. No que se refere às bases teóricas deste estudo, são centrais os debates da antropologia urbana, da antropologia do corpo e da performance, além das bases teóricas contemporâneas em que se alicerçam os conceitos de diversidade, identidades de gênero e sexualidades. Para a compreensão da antropologia urbana, são fundamentais as contribuições de autores como Magnani (1994), em sua obra “O lazer na cidade”, e Simmel (2006), com seus estudos de sociabilidade. No campo dos estudos de gênero e sexualidades, são relevantes as contribuições de Louro (1997) em “Gênero, sexualidade e educação”, Vieira e Pagliarini (2018) em seus estudos sobre transfeminismo, e Rubin (2003) em “Pensando sobre sexo”. Já no contexto da análise do corpo e da performance, destacam-se as teorias de Foucault (1984) em “O corpo utópico”, Le Breton (2007) em “Corpo, gênero e sexualidade”, e Schechner (2003) em sua obra “O que é performance”.

Esta pesquisa surge com o propósito de investigar a sociabilidade juvenil e a inclusão de pessoas com diferentes expressões de gênero e sexualidade na Quadrilha Junina Encanto Matuto (QJEM), sediada na cidade de Itapororoca, interior da Paraíba. Na Encanto Matuto, jovens e adultos com diferentes expressões de gênero e sexualidades encontram um espaço de expressão e sociabilidade, onde a rede de amizades e relações se entrelaçam em meio aos desafios impostos por uma sociedade marcada por preconceitos e estigmas. O objetivo deste estudo é compreender como essas identidades são negociadas dentro do ambiente da dança junina, além de identificar os desafios e êxitos vivenciados por esses indivíduos.

Embora a quadrilha junina seja uma expressão cultural tradicionalmente associada a um padrão de comportamento heteronormativo e patriarcal, a investigação de como se dá a inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ nesse ambiente específico pode contribuir para a desconstrução de preconceitos e estereótipos, demonstrando a diversidade presente nessa manifestação cultural. A relevância deste estudo se evidencia na contribuição para o debate sobre diversidade e inclusão na cultura popular, particularmente no âmbito das quadrilhas juninas. Assim, ao abordar as vivências de jovens com diferentes expressões de gênero e sexualidade, o estudo visa não apenas ampliar o conhecimento sobre essas temáticas, mas também, oferecer subsídios para políticas públicas e ações de sensibilização que promovam a diversidade e a inclusão na dança junina e em outras expressões culturais.

Além disso, por meio do estudo da sociabilidade juvenil e da inclusão de pessoas com diferentes expressões de gênero e sexualidade na Quadrilha Junina Encanto Matuto, busca-se também compreender como essa manifestação cultural contribui para o lazer e a sociabilidade dos jovens na cidade de Itapororoca. A análise da história da Encanto Matuto permitirá compreender sua relevância para a comunidade local e sua influência na construção de laços sociais entre os integrantes.

A pesquisa de campo para este estudo ocorreu durante a temporada de 2023 e 2024 da QJEM. Foram coletados dados em forma de relatos e falas de participantes a partir de entrevistas e conversas informais com interlocutores chave; observação de situações dos ensaios e apresentações da QJEM e durante o trajeto dos participantes em ônibus para as apresentações; além de registros fotográficos de situações relevantes para esta análise. Espera-se assim, fornecer insights valiosos sobre as experiências individuais dos integrantes e da interação social no grupo, revelando os desafios enfrentados e as estratégias adotadas para promover um ambiente mais inclusivo.

Além disso, vale ressaltar que ao conscientizar os próprios integrantes das quadrilhas juninas sobre práticas discriminatórias e promover um ambiente mais inclusivo, a pesquisa pode catalisar mudanças positivas não apenas dentro do grupo, mas na sociedade em torno.

Diante da complexidade das questões abordadas neste estudo, é fundamental reconhecer a amplitude e a relevância dos temas propostos. Inicialmente, nos tópicos 1 e 2, é explorada a história e o contexto sociocultural da Encanto Matuto. São analisados sua evolução ao longo do tempo e seu impacto na comunidade local, incluindo questões de conflitos e sociabilidade no ambiente da quadrilha. Em seguida, tópico 3, é aprofundada a análise das expressões de gênero e sexualidade na quadrilha, investigando as identidades vivenciadas e negociadas pelos participantes, abordando tanto os êxitos quanto os desafios enfrentados, além de discutir o impacto da inclusão da diversidade no ambiente do grupo. Por fim, no tópico 4, é adentrado nas nuances do corpo e da performance na dança junina. Um tópico imagético que busca examinar conceitos fundamentais e incitar a reflexão sobre a importância da inclusão de diversas identidades de gênero e sexualidade nesse contexto.

## 1. Anavantú, Anarriê<sup>2</sup>: história e tradição da festa junina

A festa junina ou o São João, como é conhecida popularmente, possui origens remotas que antecedem aos seus moldes cristãos dentro da nossa sociedade. Segundo Bruna Carvalho e Claudiene Costa (2022), para se pensar no surgimento em um período histórico dessa festa, precisamos pensar em um passado “pré-cristão”. O cristianismo foi o responsável pela ressignificação de várias expressões culturais e, neste processo, passou a agregar seu valor cristão afim de erradicar outras formas de manifestações culturais e religiosas. Neste contexto, as autoras argumentam que a festividade era sazonal, ritualizada e que representava características específicas, como por exemplo fertilidade e colheita, elementos comuns à época das comunidades pagãs, em que suas crenças eram constituídas por entidades que representavam conexão com a natureza.

Essa tradição festiva chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses, que já a traziam também com influências de outras regiões da Europa. Dessa forma, podemos dizer, que a forma constitutiva e o surgimento da festa junina no Brasil teve, a priori, caráter religioso. Entretanto, a festa trazida pelos colonizadores passou a ganhar novas influências locais, como de indígenas e africanos e, mais uma vez, inicia-se um processo de ressignificação cultural, esta que gerou heranças frutíferas e que hoje são reconhecidas como identidade cultural do Brasil e, principalmente, do Nordeste.

Atualmente, os festejos juninos no Brasil, especialmente no Nordeste, são marcados por uma variedade de elementos tradicionais, como bandeirinhas, balões, fogueiras, fogos de artifício e comidas típicas. No entanto, a atração mais popular desses festejos é a quadrilha junina, uma dança que permanece viva e adaptável através dos tempos. Como destaca Chianca, “vívda como tradição, o São João é uma festa popular que revela, ano a ano, a dinâmica da vida política, econômica e social da cidade” (Chianca, 2006, p. 27).

As quadrilhas juninas tiveram suas origens na Inglaterra do século XIII e foram incorporadas nas danças de salão europeias, especialmente na França do século XVIII, onde passaram a ser conhecidas como “quadrilles”, realizadas por quatro pares em formação retangular (Fernandes, 2021). Assim como ocorreu com a festa junina quando fora trazida para o Brasil pelos colonizadores, a quadrilha também sofreu influências locais, sendo agregada à tradições indígenas e africanas. Neste contexto, as quadrilhas foram sendo readaptadas de

---

<sup>2</sup> As expressões “Anavantú” e “Anarriê” são comandos tradicionais utilizados nas quadrilhas juninas brasileiras, que têm origem na expressão francesa “En avant” (para a frente) e “En arrière” (para trás).

acordo com a realidade brasileira, especialmente como forma de reflexão sobre a realidade e os costumes locais que buscavam retratar aspectos da vida rural.

A quadrilha junina, ao longo do tempo, se adaptou às mudanças sociais e culturais, resultando em uma evolução que culminou na diversidade de estilos que conhecemos hoje. Essa evolução se manifesta principalmente nas quadrilhas “matutas” e/ou “caipiras” e “estilizadas”. As quadrilhas matutas, caipiras ou tradicionais, são caracterizadas por uma estética simples, com coreografias menos elaboradas e trajes que evocam o cotidiano rural, como chapéus de palha e roupas remendadas, e não exigem ensaios extensivos nem grandes investimentos. Por outro lado, as quadrilhas estilizadas, ou de competição, emergiram como uma forma mais sofisticada e teatral, incorporando coreografias mais complexas, figurinos detalhados e brilhantes e temas que narram histórias locais ou abordam temas culturais mais amplos. Esse estilo exige uma preparação intensa e um investimento financeiro significativo, com ensaios e produções que elevam a quadrilha a um evento mais profissionalizado.

Essas quadrilhas estilizadas são, de certa forma, um desdobramento das quadrilhas matutas, refletindo a evolução do contexto cultural e social das festas juninas. Embora ambos os estilos coexistam, suas características distintas geram opiniões divididas. Enquanto alguns valorizam a espontaneidade e a autenticidade das quadrilhas matutas, outros são atraídos pela performance e pela teatralidade das quadrilhas estilizadas.

Esse processo de adaptação ao longo do tempo revela as particularidades regionais e a identidade cultural diversificada das quadrilhas nordestinas, como destaca Chianca (2013). A urbanização e a popularidade crescente da quadrilha também contribuíram para sua profissionalização e o surgimento de competições em várias partes do Brasil, onde as premiações incluem troféus e dinheiro. Para muitos grupos, o ciclo junino é um período de intensa dedicação, marcado por ensaios e investimentos significativos de tempo, energia e recursos financeiros.

As competições entre quadrilhas acirram uma certa rivalidade entre os grupos, como afirma Chianca (2013), essa disputa potencializa a dinâmica da dança, refletindo outras tensões e conflitos presentes no cotidiano dos jovens nas cidades nordestinas. A preparação para esses eventos envolve um grande número de pessoas, incluindo dançarinos, coordenadores e equipes de apoio, que formam uma complexa rede social sustentada por laços de amizade, parentesco e vizinhança.

Por fim, as emoções que envolvem essas apresentações não afetam apenas os dançarinos, mas também o público, que se conecta com as quadrilhas e participa de sua

trajetória, aguardando com entusiasmo as performances que ocorrem nos meses de junho e julho.

## **2. “Encanto é show, papai<sup>3</sup>”: Quadrilha Junina Encanto Matuto**

Itapororoca é um município da Paraíba, localizado na Região Geográfica Imediata de Mamanguape-Rio Tinto, dista aproximadamente 65 km de sua capital, João Pessoa. Com uma população estimada em 18.382 habitantes (2022), de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A cidade é conhecida como a “terra do abacaxi” devido à importante produção dessa fruta na região. No entanto, além de sua tradição agrícola, a pequena cidade também é famosa por seus festejos juninos, que se tornaram parte do calendário anual de eventos.

A tradição das quadrilhas juninas sempre esteve presente no município, apesar de enfrentar períodos desafiadores para preservar essa manifestação cultural. Grupos locais têm realizado apresentações ao longo de vários anos, e a participação ativa do público LGBTQIAPN+ tem sido uma constante nesses contextos de quadrilhas juninas.

Atualmente, o grupo de quadrilha junina Encanto Matuto ganha destaque. De acordo com Aldo Levi Martins Filgueira, vice-presidente, coreógrafo e projetista da QJEM, a quadrilha foi fundada por um grupo de jovens em novembro de 2018, que realizaram seus primeiros ensaios em dezembro do mesmo ano, já preparando-se para representar o nome da cidade no São João de 2019, o que marcou sua estreia em concursos e festivais juninos.

Esse início da QJEM teve sua origem na união de jovens que antes faziam parte de diferentes quadrilhas em Itapororoca. Em 2017 e 2018, a cidade possuía duas quadrilhas distintas: a “Pisa Na Fulô” que em 2018 tornou-se “Silêncio do Luar”, inicialmente composta por jovens estudantes da Escola Estadual Severino Felix de Brito; e a “Junina Nordestina”, formada por jovens que faziam parte da ação social da cidade. Esses anos foram marcados por grandes conflitos entre os integrantes das quadrilhas da própria cidade. Ao final do ciclo em 2018, as coordenações das duas quadrilhas decidiram se unir, dando origem à quadrilha Encanto Matuto.

Esse grupo junino, foi reconhecido como patrimônio cultural, imaterial e histórico do município de Itapororoca por meio do Projeto de Lei nº 001/2023, proposto pelo vereador

---

<sup>3</sup> Frase frequentemente usada pelos integrantes da QJEM, que expressa entusiasmo e orgulho em relação às suas apresentações e à própria quadrilha. A expressão “papai” é uma gíria que acrescenta um tom informal e carinhoso, que reforça o sentimento de pertencimento.

Walison Dionísio da Silva. A aprovação desse projeto pela Câmara Municipal em 21 de março de 2023 consolida a importância e o impacto social da QJEM na comunidade. Composto por jovens de diversas idades, a Encanto Matuto é hoje um dos principais grupos sociais da cidade, recebendo crescente reconhecimento e prestígio entre a população local, que sempre prestigia as apresentações do grupo na cidade, bem como seus ensaios e eventos.

É relevante destacar que em seu primeiro ano, em 2019, a quadrilha operava de forma independente, sem apoio oficial da prefeitura, e contava com a realização de diversas atividades para angariar fundos para suas apresentações, como pedágios, bingos e rifas. Em 2022, a quadrilha passou a integrar o grupo de serviços sociais da cidade, vinculando-se à secretaria de cultura municipal e garantindo um apoio financeiro mais substancial. No entanto, mesmo com essa colaboração, as atividades de angariação de fundos, como bingos, rifas e o apoio de comerciantes e empresários locais, continuam sendo essenciais para cobrir despesas não contempladas pelo apoio municipal.

É notável também o apoio e engajamento da população local nas atividades da quadrilha. Todos os eventos promovidos pela Encanto Matuto, como os bingos, contam com grande participação popular, demonstrando o apoio e interesse da comunidade. Além disso, basta um ensaio em praça pública para atrair uma grande multidão. Assim como os comerciantes locais, que também desempenham um papel importante ao patrocinar o grupo, buscando, é claro, visibilidade, em troca desse apoio. Essa colaboração mútua é de extrema importância para a sustentabilidade financeira da quadrilha. O apoio da população demonstra o valor e o impacto positivo que a quadrilha tem na comunidade, fortalecendo os laços sociais e culturais entre os cidadãos.

Destaca-se também o papel das autoridades políticas no apoio à Encanto Matuto. Um dos principais patrocinadores do grupo é o Deputado Estadual George Moraes, que vem oferecendo suporte desde 2022. É importante reconhecer que, embora esse apoio valorize a cultura local, também há interesses e jogos políticos envolvidos. Interesses esses que podem partir de ambas as partes e reflete uma complexa relação entre cultura e política.

## **2.1 Lazer e sociabilidade na Encanto Matuto**

Ao longo da coleta de dados, dos ensaios e das apresentações, ficou evidente uma ampla rede de socialização entre os jovens membros da QJEM, desde interações mais amigáveis e de afeto, a fofocas e intrigas. Magnani (1994) destaca que o lazer é uma oportunidade de

estabelecer, revigorar e exercitar as regras de reconhecimento e lealdade que são essenciais para a rede básica da sociabilidade, por meio de antigas e novas formas de entretenimento e encontro. Para os jovens que participam da Encanto Matuto, a prática do lazer pode proporcionar uma experiência pessoal e social valiosa, já que a quadrilha é um ambiente propício para o fortalecimento dos laços sociais, socialização e entre outros benefícios.

A sociabilidade intensa desse ambiente exerce influência sobre os interesses e comportamentos dos indivíduos envolvidos, tornando a participação em quadrilhas juninas uma atividade que se integra às demais esferas de suas vidas, como a família, o trabalho e os estudos, conforme destacado por Chianca (2018).

Posteriormente aos ensaios, com frequência, grupos de jovens se encontram em praças públicas, seja para uma partida de baleada, compartilhar uma cerveja ou simplesmente trocar conversas e vivências. A rede de fofoca é muito comum nesses espaços, eles falam uns dos outros e de outras quadrilhas rivais, relembram os anos anteriores e falam sobre farras e atividades que realizam juntos, para além da quadrilha.

Essa sociabilidade nos espaços públicos é fundamental para o tecido social das pequenas cidades, pois oferecem um lugar de encontro para diferentes sujeitos e fortalecem os laços comunitários. Conforme Moreno (2021, p. 489), “os espaços públicos fazem parte do cotidiano dos habitantes nas pequenas cidades, são espaços simbólicos para os moradores, pois é onde encontram-se os diferentes sujeitos.” Além disso, Fernandes (2018) observa que, no contexto urbano, diferentes grupos têm a tendência de buscar espaços específicos para cultivar sua sociabilidade. Estes grupos, unidos por identidades compartilhadas, desenvolvem interações mais intensas entre si, frequentemente utilizando espaços demarcados para suas atividades. Na Encanto Matuto, essa dinâmica é evidente durante os ensaios e apresentações, onde os membros se congregam em praças e locais urbanos específicos, transformando esses espaços em pontos de encontro e celebração.

A sociabilidade, conforme definida por Simmel (2006), representa uma maneira de associação na qual os indivíduos interagem coletivamente em busca de uma interação social amigável e satisfatória. Dentro do contexto da QJEM, essa sociabilidade se manifesta durante ensaios, apresentações e eventos sociais associados ao grupo. As regras de conduta e comportamento, implicitamente presentes nessas interações, proporcionam um ambiente onde os integrantes sentem prazer em estar uns com os outros, fortalecendo os laços de camaradagem e solidariedade.

Nesse sentido, as festividades juninas, com suas encenações a céu aberto e atmosfera festiva, desempenham um papel fundamental na promoção da sociabilidade dentro da quadrilha. Como destacado por Camponero e Leite (2010), as festas representam momentos de grande importância social, onde as atividades cotidianas cedem lugar a práticas diferenciadas que transcendem as normas sociais estabelecidas. Na Quadrilha Junina Encanto Matuto, esses eventos não são apenas ocasiões de celebração, mas também, oportunidades para a expressão cultural, integração comunitária e fortalecimento dos laços entre os membros. Para muitos jovens, a quadrilha é como se fosse uma válvula de escape, onde encontram alívio do estresse do cotidiano. “Aqui é onde meu corpo cansa e minha mente descansa”. Essa é uma frase comum entre os quadrilheiros, refletindo a sensação de libertação e tranquilidade que encontram durante os ensaios e as apresentações.

Franciely Silva, outra dama da Encanto Matuto escreveu em uma rede social (Instagram): *“Quando danço não estou apenas trabalhando o controle dos meus movimentos e do corpo, estou fazendo uma terapia para aprender a lidar melhor com estresse, tristeza, frustrações e autoestima!”*

A fala de Franciely, ressalta essa dimensão terapêutica e emocional da dança em um contexto de lazer e sociabilidade. Para muitos integrantes da quadrilha, tal como Franciely, dançar vai além de uma simples atividade recreativa; é uma forma de lidar com o estresse, as tristezas e frustrações, além de fortalecer a autoestima. Essa autoconfiança é impulsionada tanto pelo exercício físico proporcionado pela dança, que ajuda na perda de peso, quanto pelas vestimentas juninas, que, quanto mais brilhantes, aumentam ainda mais a autoestima. Nesse sentido, os ensaios e as apresentações da quadrilha não apenas proporcionam momentos inevitáveis de conflitos e tensões, tal como destacados no tópico anterior, mas também de lazer e sociabilidade, tendo, por vezes, um cunho terapêutico para alguns integrantes como a Franciely, oferecendo alívio emocional e promovendo sensações de bem-estar.

Assim, as atividades juninas desempenham um papel essencial na dinâmica da Quadrilha Encanto Matuto, proporcionando oportunidades para a expressão cultural, fortalecimento dos laços comunitários e promoção de bem-estar dos seus membros. Ao participar das festas juninas, os integrantes da quadrilha não apenas recriam tradições antigas e revivem mitos do passado, mas também, se engajam em um processo de construção coletiva de identidade e pertencimento. Como observado por Rosa (2002), as festas não são apenas eventos de entretenimento, mas também, experiências que englobam uma variedade de elementos, desde a organização até os encontros e desencontros entre os participantes.

## 2.2 Conflitos na quadrilha: “babado, confusão e gritaria<sup>4</sup>”

Um dos momentos mais aguardados na quadrilha junina é a revelação do “mapa”, que determina a posição de cada integrante durante a dança. Essa revelação gera uma grande expectativa entre os brincantes, que anseiam por saber se avançarão na fila, se permanecerão no mesmo lugar ou se terão outro papel na coreografia. Essa revelação pode levar algumas pessoas a se envolverem em conflitos, demonstrarem irritação ou até mesmo abandonarem a quadrilha.

Mas, há aqueles que encaram essa questão com mais serenidade, tal como Taliene Oliveira, dama<sup>5</sup> da Encanto Matuto, que em uma conversa informal ocorrida em um momento de tensão por conta das insatisfações do mapa, afirma: *“Eu levo isso pra vida: quem é bom aparece, em qualquer lugar. no meio, lá atrás, ou lá na frente; então quem é bom aparece minha gente, vocês não precisam tá brigando por causa de besteira não, vamos dançar e viver o São João!”*. Em sua fala, Taliene tenta acalmar os ânimos e destacar a importância do reconhecimento do próprio valor, independentemente da posição que se ocupa. A dama da QJEM lembra aos participantes da importância de se valorizar as habilidades e contribuições de cada um dentro do coletivo da quadrilha. A mensagem, vem em momento de tensão e incentiva os participantes a não se deixarem levar por conflitos ou competições, mas sim, de viverem o momento presente e aproveitar as festas juninas.

É intrigante observar como a dinâmica de uma quadrilha junina, concebida para celebrar e promover a cultura local, pode ser permeada por conflitos e tensões internas. A questão do mapa, que define as posições de cada participante durante a dança, parece ser apenas a ponta do iceberg em meio a uma miríade de desafios interpessoais que surgem dentro do grupo. É possível considerar que esses conflitos refletem questões mais profundas relacionadas à identidade, autoestima e busca por reconhecimento dentro da comunidade. Além disso, essas disputas internas afetam a coesão do grupo e sua capacidade de se apresentar de forma mais unificada diante do público. Assim, esses conflitos parecem ser um reflexo de tensões sociais mais amplas presentes na sociedade em que o grupo está inserido. Dessa forma, explorar essas

---

<sup>4</sup> Expressão popularmente utilizada no grupo para descrever situações caóticas e conflituosas.

<sup>5</sup> “Dama” na quadrilha junina, é a protagonista “feminina”, uma das figuras centrais da dança. Ela participa da coreografia e interage não apenas com seu par, o cavalheiro, mas também com os demais integrantes da quadrilha e o público. A dama é a/o brincante que faz o papel da “mulher” na dança. Essas designações “Dama” e “Cavalheiro” em uma quadrilha junina são heranças da época em que essas danças eram realizadas em salões e ambientes palacianos. Os cavalheiros tradicionalmente conduziam as damas durante as danças de salão.

questões, pode fornecer percepções valiosas sobre as dinâmicas grupais e os processos de construção de identidade nesse contexto cultural específico da quadrilha junina.

Os conflitos dentro da QJEM em 2023 foram evidenciados por uma série de fatores multifacetados. Além disso, há diversas situações de conflitos inerentes a qualquer grupo social. Discussões entre os jovens que participam da quadrilha ocorrem com frequência por vários motivos. Desde divergências na direção do grupo até tensões durante os ensaios, a desorganização e os conflitos internos afetaram negativamente o desempenho da quadrilha nos concursos. A falta de coesão e a saída de membros enfraqueceram a quadrilha, resultando em ensaios com pouca participação e falta de sincronização na dança.

Os conflitos não se limitaram à direção do grupo; disputas surgiram em relação à escolha dos pares, do mapa, dos destaques<sup>6</sup> e até mesmo do figurino. Além disso, a intensidade das discussões levou à expulsão de um integrante e à renúncia de um membro da diretoria.

Esses conflitos, embora intrínsecos à dinâmica da quadrilha, refletem dinâmicas sociais mais amplas, como hierarquias de poder, rivalidades pessoais e expectativas culturais. As pressões sociais e as normas estabelecidas pela comunidade exacerbaram os conflitos, tornando-os mais difíceis de serem resolvidos.

É interessante notar como os conflitos internos da Encanto Matuto espelham questões sociais macroscópicas, destacando as complexidades das relações sociais e culturais dentro do grupo. Apesar dos desafios enfrentados, esses conflitos também podem representar oportunidades para o crescimento pessoal e o fortalecimento dos laços interpessoais à medida que o grupo aprende a superar adversidades juntos, tal como se evidencia no discurso da Taliene.

Em 2024, apesar dos desafios enfrentados no ano anterior, a quadrilha junina Encanto Matuto experimentou uma renovação significativa. Com um aumento no número de membros e um maior interesse pela dança, os ensaios se tornaram mais produtivos e as expectativas foram elevadas. Embora tenham surgido conflitos, especialmente na decisão do mapa 2024, estes se deram em menor escala em comparação ao ano anterior.

---

<sup>6</sup> Os “destaques” de uma quadrilha junina são os membros que assumem papéis de liderança ou importância especial no espetáculo. Geralmente, esses papéis incluem o noivo e a noiva, o casal de reis, Lampião e Maria bonita e o marcador (quem canta e marca o passo da quadrilha). São os responsáveis por liderar a apresentação da quadrilha e desempenhar papéis específicos na coreografia e na narrativa da dança. Por exemplo, o noivo e a noiva geralmente são o casal principal da quadrilha e desempenham uma série de movimentos especiais juntos. Os destaques são frequentemente escolhidos com base em sua habilidade e talento na dança, bem como em sua aparência física e carisma. A escolha dos destaques é quase sempre um processo competitivo dentro da quadrilha junina.

Outra questão recorrente, e que frequentemente gera conflitos dentro da quadrilha junina, é o número de viagens realizadas durante as festas. Muitos integrantes desejam se apresentar em diversas cidades, enxergando essas viagens como uma oportunidade para vivenciar novas experiências, mostrar seu talento a diferentes públicos e construir laços de amizade e sociabilidade com outros jovens. É justamente nessas jornadas que as relações se fortalecem, amizades se consolidam, novas conexões surgem e a experiência de festejar em grupo se torna tão atrativa quanto as próprias apresentações. Para muitos, o interesse em participar da quadrilha vai além da dança e da valorização da cultura, está na vivência compartilhada, nas trocas culturais e na construção de laços com outros quadrilheiros ao longo do caminho.

No entanto, quando a quadrilha não participa de tantas apresentações fora da cidade quanto esperado, os membros ficam frustrados e insatisfeitos. Eles frequentemente expressam descontentamento, afirmando que investiram tempo e se dedicaram aos ensaios por meses, sacrificando outras atividades da vida cotidiana, apenas para serem confrontados com a falta de viagens. Por outro lado, quando as viagens ocorrem, e alguns jovens não podem ou não querem participar, a coordenação também se frustra, apontando a ironia na situação: “Vocês queriam viajar e, agora que temos oportunidades, não querem ir”. Esse tipo de relação é bastante comum e reflete as tensões inerentes às diferentes expectativas e comprometimentos dentro do grupo, e mostra como a gestão de interesses pode ser um desafio constante em atividades coletivas.

### **3. “Vem galopar, fazer o roça-roça<sup>7</sup>”: expressões de gênero e sexualidade na QJEM**

A dança junina é uma manifestação cultural que é comumente associada a um ambiente conservador e tradicional, com padrões rígidos de comportamento e papéis de gênero claramente definidos. No entanto, ao estudar o objeto de análise desse estudo, é possível observar a presença de uma grande diversidade de corpos e expressões de gênero e sexualidade, que desafiam esses paradigmas binários.

No sentido da pesquisa, é fundamental compreender a noção de gênero conforme Louro (1997) como algo político e socialmente construído, sem negar sua relação com o corpo sexuado. Isso significa que, embora a biologia seja reconhecida, é enfatizado que o gênero é uma construção histórica e social sobre as características biológicas.

---

<sup>7</sup> Frase da música “Vem Galopar” de Juliette, adaptação de “Pagode Russo” de Luiz Gonzaga.

Além disso, é importante entender que o gênero não se restringe à divisão binária entre masculino e feminino, mas sim em um espectro de possibilidades que inclui diversas identidades e expressões. A noção de gênero aqui está relacionada à identidade individual de cada sujeito, incluindo comportamentos, vestimentas e outras expressões que podem transitar entre masculinidades e feminilidades.

Nessa perspectiva, é importante destacar também a noção de sexualidade que rege esse trabalho, que se refere à maneira como cada pessoa vivencia e pratica sua sexualidade e com quem se relaciona sexualmente. Compreender a interconexão entre gênero e sexualidade é fundamental para uma análise mais ampla, pois essas questões são interdependentes e influenciam profundamente a vida das pessoas.

Gayle Rubin (1992) observa que as normas sociais e as instituições exercem um controle significativo sobre a sexualidade, moldando as formas como é organizada e regulada em diferentes sociedades. Rubin (1992, p. 2), ressalta que “o reino da sexualidade também tem sua própria política interna, suas desigualdades e modos de opressão. E, juntamente com outros aspectos do comportamento humano, as formas institucionais concretas da sexualidade em determinado tempo e lugar são produtos da atividade humana”. Essa perspectiva destaca a importância de entender a sexualidade como uma construção social influenciada por poderosas forças sociais e históricas, o que pode fornecer percepções úteis para analisar as dinâmicas presentes na Encanto Matuto, como a diversidade de identidades e expressões de gênero e sexualidades entre seus membros.

Como já observado, a tradição da quadrilha originou-se na Inglaterra, mas foi no século XIX, no Brasil, que a nobreza carioca a adotou, de acordo com Silva (2019). Com o passar dos anos, essa dança adquiriu novos significados e se popularizou, sendo frequentemente apresentada em arraiais durante as festas de São João, especialmente na região Nordeste do Brasil. Ao longo do tempo, as quadrilhas sofreram transformações significativas em diversos aspectos. Com essas evoluções, surgiram, em meio aos debates promovidos, as “rainhas da diversidade” ou “rainhas G”. Essas figuras emblemáticas são representantes da comunidade LGBTQIAPN+ dentro das quadrilhas. Mulheres trans<sup>8</sup> e *drag queens*<sup>9</sup> que quebram tabus e enfatizam a importância de suas identidades de gênero e/ou artísticas em um contexto junino

---

<sup>8</sup> Abreviação de “transexuais”, termo abrangente usado para descrever pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo que lhes foi atribuído ao nascimento.

<sup>9</sup> Drag queen é uma pessoa, geralmente do sexo masculino, que se veste e usa maquiagem para imitar os significantes do gênero feminino, com o objetivo de realizar performances artísticas.

ainda permeado por traços cisheteropatriarcais. Conforme destacado por Barros e Souza (2021, p. 211), “esta manifestação possibilitou através das Damas da Diversidade uma potencialidade em aproximar-se das problemáticas sociais, de modo que, possamos fazer uma reflexão sobre quem dança na festa junina e sua representação abrindo uma importante pauta no meio artístico e acadêmico”.

A Encanto Matuto transcende a tradição cultural das quadrilhas juninas, destacando-se como um espaço de protagonismo LGBTQIAPN+, onde jovens encontram acolhimento para expressar suas diferentes identidades de gênero e sexualidade. Embora também enfrentem desafios internos. Na QJEM, essa “valorização” da diversidade é fortalecida pela presença proeminente de Kevillyn Ferreira (mais conhecida como ‘Fada’), uma dama trans que ingressou no mundo junino em 2022 e, em 2023 foi escolhida<sup>10</sup> para representar a “rainha da diversidade”. No entanto, além da Fada, participam da quadrilha a Aylla Drika, outra dama trans e a “Sereia” (Mateus) uma dama junina gay (ou dama *drag queen*). Entretanto, a quadrilha abraça uma variedade de identidades sexuais, incluindo pessoas bissexuais, lésbicas e heterossexuais. No entanto, esta pesquisa destaca principalmente a representação das meninas trans, com destaque para a Fada (Kevillyn) como a “rainha da diversidade”, e dos meninos gays que se destacam sendo maioria no grupo. É importante ressaltar que, em outros grupos de quadrilhas juninas, homens trans participam ativamente, desempenhando papéis de cavalheiros, assim como mulheres trans atuam como damas juninas. No entanto, a QJEM ainda não possui integrantes que se identificam como homens trans.

Conforme ressaltado por Vieira e Pagliarini (2018), mulheres trans enfrentam opressões específicas devido à sua identidade de gênero, sendo vítimas de violências, exclusão social e discriminação em diversos âmbitos da sociedade, abrangendo desde o mercado de trabalho até a esfera da saúde. Nesse contexto, é crucial aprofundar a compreensão dos marcadores sociais da diferença, uma vez que a vivência das damas trans na quadrilha difere substancialmente da vivência das damas cis<sup>11</sup>. A quadrilha junina, embora possa ser vista como um refúgio para

---

<sup>10</sup> As escolhas dos destaques, como a rainha da diversidade, casal de noivos, cangaço, etc. são feitas pelos coordenadores da quadrilha, em especial por Aldo Levi Martins Filgueira, que é responsável pela criação e ensino das coreografias, além de atuar como projetista, figurinista e vice-presidente do grupo. Suas decisões são comunicadas ao presidente, Alexandre Burai, e aos demais coordenadores. Em geral, essas escolhas seguem o critério de desenvoltura dos quadrilheiros, sendo selecionados para ocupar esses destaques aqueles que “dançam bem” ou “demonstram maior habilidade”. No entanto, nem sempre há consenso, e alguns integrantes discordam dessas escolhas.

<sup>11</sup> O termo “cis” é uma abreviação de cisgênero, usado para descrever pessoas cuja identidade de gênero corresponde ao sexo que lhes foi atribuído ao nascimento.

essas mulheres, onde elas podem se expressar de modo autêntico, ainda enfrenta a dolorosa realidade do preconceito e da transfobia que permeia nossa sociedade.

A Fada e a Aylla Drika, únicas mulheres trans da QJEM, e a Sereia (Mateus), um rapaz gay que dança no papel de dama junina, ainda enfrentam desconforto por parte de alguns rapazes cis heterossexuais em serem seus pares de dança. Isso resulta, muitas vezes, em uma segregação forçada e discriminatória, onde essas damas são automaticamente colocadas para dançar com outros membros LGBTQIAPN+, enquanto os rapazes heterossexuais dançam apenas com suas parceiras também cisgêneras. A recusa em dançar com meninas trans muitas vezes está profundamente enraizada na preocupação com o julgamento alheio e nas normas sociais impostas. Essa atitude é motivada por sentimentos de desconforto, insegurança, preconceito e pela falta de compreensão da identidade de gênero da pessoa trans. O temor de ser alvo de críticas e de questionamentos sobre a própria sexualidade também influencia essa recusa. Lamentavelmente, o preconceito se manifesta de forma evidente, seja por meio de palavras ofensivas ou ações discriminatórias. E esses preconceitos e discriminações não se limitam apenas às damas trans na quadrilha. Infelizmente, os rapazes gays também enfrentam obstáculos, como evidenciado nas escolhas dos destaques da junina. Durante o processo de seleção, um indivíduo hétero afirmou que eu não poderia assumir o papel de noivo da junina, justificando que eu “dançava que nem gay”. Essa declaração se torna bastante problemática, pois a sexualidade de uma pessoa não é, nem deveria ser, um critério para avaliar a habilidade e o talento de um dançarino.

Aylla Drika, quando ingressou na quadrilha em 2023, dançou como dama junina sem revelar sua identidade como mulher trans. Foi somente em 2024 que ela se assumiu como mulher trans, reafirmando sua identidade. Quando questionada sobre o papel da quadrilha nesse processo, Drika afirmou que sim, a quadrilha foi fundamental. O fato de ser vista como dama junina e ser tratada como mulher na maioria das vezes foi essencial para que ela compreendesse sua identidade e reunisse coragem para se aceitar. Além disso, essa experiência permitiu que sua verdadeira essência fosse revelada à sociedade.

Um pouco diferente, mas não muito, da Fada, que já ingressou na quadrilha compreendendo sua identidade como mulher trans e buscando ser respeitada como tal desde o início. No entanto, ela também compartilha que, mesmo estando no início de sua transição, ser vista e reconhecida na quadrilha como dama, como mulher, foi fundamental em todo o processo.

Antes do início de um ensaio, enquanto nos reuníamos em frente à casa da cultura de Itapororoca (local onde acontece a maioria dos ensaios da quadrilha), uma conversa informal surgiu e o assunto sobre o uso da linguagem neutra<sup>12</sup> foi abordado. Alguns participantes expressaram suas opiniões, mencionando que consideram essa prática uma maluquice ou uma bobeira. No entanto, o vice-presidente Aldo, manifestou seu entendimento e respeito, destacando que utiliza a linguagem neutra para não negar a existência das pessoas não binárias<sup>13</sup>. Sereia, a dama *queer* da quadrilha, comentou que não compreende completamente a necessidade disso, mas chamou atenção quando mencionou que se considera um menino gay, embora prefira ser tratada no feminino. Essa declaração reflete sobre o respeito às identidades individuais e sobre a importância de tratar as pessoas de acordo com suas preferências, mesmo quando elas podem parecer contraditórias ou difíceis de entender. No entanto, foi observado que a maioria dos brincantes a tratam corretamente no feminino, exceto alguns rapazes cis héteros que, em certos momentos, a tratam no masculino de forma preconceituosa.

A presença de jovens cis héteros na Encanto Matuto, em um contexto tipicamente feminino e LGBTQIAPN+, desperta a curiosidade quanto às motivações e interesses que os levam a participar desse ambiente diversificado. A análise de várias perspectivas revela algumas possíveis razões que impulsionam sua participação. Durante a volta para casa, após uma apresentação, foi possível observar uma conversa informal entre os integrantes héteros da quadrilha dentro do ônibus. Um deles questionou ao outro o motivo de estar participando da quadrilha, e a resposta incluiu aspectos como ter “nega boa” (meninas bonitas) nas viagens, a possibilidade do consumo de bebidas alcoólicas durante as apresentações e a oportunidade de estar com amigos. Outro integrante concordou com esses motivos e acrescentou que também estava na quadrilha porque gostava de dançar.

Com isso, podemos evidenciar possíveis interesses que esses jovens têm ao integrar esse ambiente. Uma delas é o desejo de interação social. A quadrilha junina proporciona um espaço para estabelecer novas amizades e reforçar os laços existentes. Ensaaios, eventos e apresentações constituem momentos propícios para compartilhar experiências e conectar-se com outros indivíduos. Além disso, o interesse pela dança e pelo entretenimento também é um fator

---

<sup>12</sup> A linguagem neutra é um conjunto de práticas linguísticas que busca evitar o uso de expressões, palavras ou construções gramaticais que impliquem ou reforcem distinções de gênero.

<sup>13</sup> Uma pessoa não binária é alguém cuja identidade de gênero não se encaixa nas categorias tradicionais de “masculino” ou “feminino”. Em vez de aderir ao binarismo de gênero, que reconhece apenas essas duas opções, pessoas não binárias podem identificar-se com uma combinação de gêneros, nenhum gênero ou um gênero fora do espectro binário

motivador para alguns rapazes. A dança animada e coreografada da quadrilha junina desperta o interesse de pessoas independentemente de sua orientação sexual. A diversão proporcionada pelos ensaios e eventos cria um ambiente festivo e descontraído, atraindo jovens de diversas inclinações para beber e se divertirem.

A interação com as jovens participantes mostra ser outro impulso significativo para a presença dos rapazes héteros na quadrilha. A oportunidade de interagir com pessoas do sexo oposto em um contexto festivo pode criar espaço para o desenvolvimento de relacionamentos afetivos ou amizades próximas. Ademais, a sociabilidade com jovens de outras cidades e a liberdade de expressão que o ambiente proporciona fora de casa, também podem despertar interesse entre eles. A junina não apenas oferece espaço para manifestar suas identidades, mas também fornece um cenário onde eles podem interagir com jovens de mentalidades e histórias de vida diversas. É essencial ressaltar, contudo, que cada indivíduo tem motivações particulares e essas hipóteses representam apenas algumas possibilidades gerais observadas no campo de pesquisa.

Em outra ocasião, durante o retorno de outra viagem da quadrilha, foi possível ouvir uma conversa entre os integrantes gays da Encanto Matuto sobre suas experiências sexuais de “primeira vez”, na qual compartilharam detalhes íntimos sobre a prática do sexo anal. Os integrantes héteros que ouviam a conversa não demonstraram desconforto, ao contrário disso, pareciam interessados, reagiram com risadas e interagiram. Essa curta conversa, poderia ressaltar um certo grau de abertura e confiança entre os integrantes do grupo, independentemente de suas orientações e práticas sexuais. A reação dos integrantes heterossexuais, que ouviram a conversa sem demonstrar desconforto, sinaliza quase que uma postura de aceitação e normalização desse tipo de diálogo. Será que isso poderia sugerir que os membros da quadrilha se sentem à vontade para compartilhar aspectos pessoais e íntimos, sem que a presença dos outros membros se torne um motivo de constrangimento?

É claro que nem todas as pessoas se sentem à vontade e felizes em um ambiente permeado por jovens que falam tudo o que vem à mente. Algumas mães que acompanham suas filhas menores de idade que participam da quadrilha, por exemplo em uma das viagens, se incomodaram e reclamaram dos palavrões que às vezes eram excessivos no ônibus.

As viagens de ônibus para os festivais de quadrilha juninas são sempre muito barulhentas. Os integrantes frequentemente levam bebidas alcoólicas para consumirem nas outras cidades e já começam a beber nos ônibus. É comum ver caixas de som, gritaria, palavrões e até interações mais íntimas dentro dos ônibus, o que pode incomodar aqueles que não estão

acostumados com esse ambiente. Quando há a presença de uma autoridade da quadrilha no ônibus, esses comportamentos são controlados. No entanto, ainda assim, ocorrem, embora com menor intensidade.

Na quadrilha, há também a presença de Miguel, mais conhecido como “Migui Migui”, um rapaz gay que integra o grupo desde sua fundação. Para muitos, ele é o maior causador de confusão do grupo, chegando no ano de 2023 a ser expulso da quadrilha por causar conflitos entre os integrantes. É interessante notar que, para muitos da quadrilha, as pessoas mais “debochadas”, “criadoras de confusão” e “barraqueiras”, são as pessoas LGBTQIAPN+. Inclusive, em vários momentos a permanência desses indivíduos no grupo são levadas a reflexão por parte dos coordenadores, por acharem essas pessoas “difíceis de lidar”. No entanto, integrantes héteros que também se envolvem e causam conflitos na quadrilha não são vistos da mesma forma. Qual seria o motivo de pessoas com diferentes expressões de gênero e sexualidade se envolverem em conflitos no grupo? Seria pelo preconceito e discriminação que sofrem, ouvem e sentem em vários momentos? E estaria a coordenação então cometendo um deslize ao se questionarem e verem essas pessoas como conflituosas, sem entender necessariamente o contexto? E porque os héteros também “difíceis de lidar” não são levados como tal? É interessante que ao levantarmos tais questões podemos ver que até mesmo a coordenação da quadrilha, que luta por um ambiente acolhedor e inclusivo, pode cair na armadilha e acabar por também reforçar estigmas atribuídos aos indivíduos com expressões de sexo e gênero dissidentes.

Nos intervalos, e até antes mesmo do início dos ensaios, ao som das músicas, é comum observar garotos usando saias e executando movimentos tipicamente descritos como femininos. Entretanto, é notável que essa expressão raramente é adotada por aqueles que se identificam como cis heterossexuais. Geralmente, são os indivíduos gays que se destacam nessa prática, muitas vezes mencionando que poderiam oferecer um desempenho superior às meninas se dançassem de damas. Isso acaba criando um ar de disputa entre os meninos gays e as meninas cis. Em alguns momentos, essa “competição” assume um tom de deboche, com os meninos gays ironizando as meninas cis que demonstram menos habilidade nas saias. Comentários como “essa racha é toda dura”, “ela não tem o babado” e “não sabe dar o nosso close” são comuns, acompanhados de risadas entre esses garotos gays, que normalmente dançam de cavalheiros na quadrilha e que, frequentemente mostram suas habilidades superiores em movimentos de dança típicos das damas.

É essencial destacar aqui que os rapazes gays não agem de maneira uniforme, reconhecendo que cada indivíduo possui uma identidade única e formas distintas de se expressar. As manifestações dos gays da quadrilha variam desde traços mais afeminados até aqueles menos pronunciados, refletindo diversas trajetórias nas escalas de masculinidades e feminilidades.

A Fada, rainha da diversidade da quadrilha, enfrentou desafios para participar dos ensaios e viagens, uma vez que mora em um sítio distante e precisa se deslocar para a cidade nessas ocasiões. Ela depende, muitas vezes, da generosidade dos amigos, que a hospedam até que possa retornar ao sítio. Infelizmente, nem sempre os apoios da quadrilha estão dispostos a buscá-la, tornando o processo ainda mais desgastante para ela. A Fada já expressou sua exaustão diante dessa situação, e mencionou que, se fosse uma menina cis, talvez não enfrentasse tantas dificuldades com o transporte. Isso evidencia os marcadores sociais da diferença, onde as experiências das damas trans difere significativamente das experiências das damas cis na quadrilha e na sociedade em geral.

Em uma das apresentações no ano de 2023, Drika enfrentou dificuldades para comparecer, pois seu pai não estava de acordo em deixá-la sair de casa, por razões que ela não quis compartilhar. No dia do evento, ela compartilhou no grupo do WhatsApp da quadrilha que seu pai estava presente e se posicionou contrariamente, afirmando que ela não poderia ir. No entanto, com o apoio da coordenação da quadrilha, ela conseguiu superar esse obstáculo e comparecer à apresentação, destacando que seria sua última participação da temporada. Tal como a Drika, diversos outros jovens travam batalhas para integrar a quadrilha, lidando com familiares que discordam da participação e que veem como uma perda de tempo; contudo, persistem.

Em uma das apresentações, durante a troca de roupa no ônibus, ocorreu uma situação constrangedora envolvendo a Fada: ela estava usando uma peça de roupa íntima feminina (calcinha) e alguns rapazes começaram a zombar e fazer perguntas indiscretas sobre como ela escondia o seu órgão genital. O desconforto era visível em seu rosto e isso me trouxe um sentimento de indignação e preocupação. Outra situação constrangedora ocorreu no mesmo dia quando ela precisou trocar de roupa e não queria mostrar seus seios. Pediu a ajuda de uma amiga para fechar o zíper de seu figurino, mas, devido à pressa para saírem do ônibus, pois o motorista iria buscar alguns estudantes, a amiga a orientou a sair assim mesmo e se vestir fora do veículo. A Fada, com justa razão, questionou: 'e eu vou sair nua?' (*Trecho retirado do diário de campo*).

Essas experiências vivenciadas pelos integrantes LGBTQIAPN+ ilustram a diversidade de desafios que podem surgir durante a participação na quadrilha, evidenciando a singularidade de cada vivência. A Encanto Matuto, embora seja um espaço que se esforça em valorizar a diversidade e o acolhimento das pessoas LGBTQIAPN+ que dela fazem parte, é visível que estas pessoas ainda enfrentam o impacto de ideias e atitudes preconceituosas de alguns integrantes.

Assim, a partir do que foi apontado ao longo deste estudo, é importante mencionar que, em certas ocasiões, ocorrem comentários homofóbicos e transfóbicos por parte de integrantes cis héteros da quadrilha. No entanto, é igualmente relevante destacar que o preconceito também pode surgir dentro da própria comunidade, com meninos gays, em certos momentos, praticando homofobia entre si e transfobia, manifestando atitudes e falas preconceituosas em relação às meninas trans. Ainda que tais comentários sejam, na maioria das vezes, repreendidos pelos coordenadores, que reconhecem essas atitudes como negativas. No entanto, é relevante notar que a coordenação talvez esteja mais sensível a essas questões devido ao fato de Aldo, vice-presidente, projetista, figurinista e coreógrafo da quadrilha, ser um homem gay. E, embora o presidente Alexandre Burai, seja um homem cis hétero, ele expressa discursos inclusivos na maior parte das ações e mensagens ao grupo da quadrilha, enfatizando os ideais de respeito e tolerância provenientes das falas de Aldo. Isso ficou evidente no Dia da Visibilidade Trans, quando Aldo mencionou a Fada e ressaltou a importância de sua presença no grupo, enquanto Alexandre permaneceu em silêncio e fez sinal de concordância.

Nesse contexto, é relevante mencionar o “Bloquinho da Encanto”, um evento carnavalesco organizado pela quadrilha desde 2022, que ocorre todos os meses de fevereiro. O bloquinho tem sua concentração no local de ensaio da quadrilha e seu percurso passa por algumas ruas da cidade até chegar ao centro, onde acontecem festividades carnavalescas com músicas variadas, bebidas e danças. Durante o evento, alguns rapazes vistos socialmente como cis héteros, se caracterizam como mulheres, utilizando roupas femininas, maquiagem e expressando uma certa feminilidade pelas ruas da cidade. Ora veja, se não são esses mesmos rapazes que cometem erros nos pronomes ao se referirem às meninas trans da quadrilha, recusam-se a dançar com elas e, frequentemente, emitem comentários preconceituosos com base nos gêneros e nas sexualidades dissidentes dos integrantes da QJEM. Enquanto eles “abraçam” temporariamente a feminilidade como parte da festividade carnavalesca, essa mesma feminilidade é, muitas vezes, desrespeitada e ridicularizada em outros contextos. Ao usar roupas e maquiagem femininas durante o bloquinho, esses rapazes estão explorando uma

expressão de gênero que é socialmente aceita dentro do evento, mas fora dele, continuam contribuindo para a marginalização e discriminação de pessoas LGBTQIAPN+. Essa dualidade revela uma contradição que vai além da celebração carnavalesca, refletindo atitudes que não se limitam ao ambiente da quadrilha, mas ecoam no tecido social mais amplo e que precisam ser reconhecidas, questionadas e problematizadas.

Podemos estabelecer uma analogia com a reflexão de Lélia González (1984) sobre a mulher negra no carnaval: exaltada durante o espetáculo, mas marginalizada na vida cotidiana. De modo semelhante, moças trans e rapazes gays nas festas juninas vivenciam uma breve sensação de inclusão e aceitação, embora o preconceito esteja presente até mesmo nos espaços da quadrilha. Contudo, ao fim da temporada festiva, esses indivíduos retornam ao cotidiano e, muitas vezes, enfrentam um ambiente ainda mais hostil, evidenciando a fragilidade da inclusão experienciada durante os festejos juninos.

Apesar dessa limitação, a quadrilha pode deixar resquícios positivos para além das festividades, como a rede de amigos formada, a expressão de identidades e a visibilidade de personagens que transcende a quadrilha. Um exemplo disso é a Fada, que continuou a se apresentar como rainha da diversidade em eventos escolares mesmo após os meses das festividades de junho e julho. Apesar do preconceito ainda presente durante o período junino, pode-se argumentar que a intensidade desse preconceito aumenta após o término das festividades, evidenciando que, embora a quadrilha possa oferecer um ambiente com menor incidência de preconceito, ele ainda persiste em diferentes graus. Mas também que o ambiente da quadrilha oferece, ainda que temporariamente, um espaço onde essas identidades encontram menos barreiras, destacando a importância e o impacto simbólico desses eventos para as vivências LGBTQIAPN+.

Adicionalmente, é válido enfatizar que, como em qualquer grupo social diverso, a quadrilha junina também enfrenta conflitos internos que refletem a pluralidade de perspectivas e vivências de seus membros. Esses conflitos podem surgir de diferentes origens e podem representar oportunidades de crescimento e aprendizado para o fortalecimento de um ambiente mais empático. É importante ressaltar que a direção da quadrilha se esforça em ter uma postura ativa em relação a essas questões, repreendendo e buscando solucionar os conflitos quando eles surgem, ainda que isso seja um ponto positivo, não é suficiente para acabar com o preconceito no grupo.

Considerando a intersecção entre gênero, sexualidade e raça, é evidente que dentro da quadrilha existem situações discriminatórias baseadas na diferença racial e na cor da pele, além

das questões de gênero e sexualidade abordadas nesta pesquisa. Comentários como “tá fedendo igual macaco” são frequentemente dirigidos a pessoas negras na quadrilha. Um brincante da quadrilha levantou a questão do racismo com os coordenadores, relatando que um dos integrantes o chama frequentemente de “negro bandido”, o que o deixa desconfortável. Essa é apenas uma das muitas situações de racismo na quadrilha. Isso evidencia que o ambiente da quadrilha não é totalmente acolhedor em nenhum aspecto, seja em relação ao gênero, à sexualidade ou à raça. Apesar dos esforços dos coordenadores em manter o grupo unido e repreender tais comportamentos, essas situações persistem, pois, a quadrilha é um microscópio de uma sociedade estruturada por diversos preconceitos, estigmas e desigualdades.

É crucial reconhecer que o preconceito é uma realidade presente, e a quadrilha junina pode ser vista como um microcosmo da sociedade mais ampla. Por isso, a promoção da inclusão e do respeito às diversidades de gênero e sexualidade devem ser priorizadas constantemente em todos os níveis da sociedade, inclusive nas práticas e expressões culturais, tal como a quadrilha junina.

Contudo, é relevante destacar o aspecto positivo de quando as damas trans são valorizadas e respeitadas nas suas expressões de gênero e sexualidade na dança. Isso repercute em sua sensação de segurança e autoconfiança em seu cotidiano. Portanto, é de suma importância que a quadrilha continue a adotar uma postura ativa na promoção da diversidade e inclusão de pessoas com dissidências de gênero e sexualidades, criando um ambiente minimamente acolhedor e respeitoso para todos os participantes. Tal atitude não apenas enriquece a experiência da dança, mas também desempenha um papel essencial na construção de uma sociedade mais tolerante e inclusiva. Em uma entrevista informal, Fada também compartilhou que, apesar das situações de preconceito enfrentadas em alguns momentos na quadrilha, é neste ambiente que ela encontra sua maior rede de apoio, amigos e pessoas que a valorizam pelo que ela é. Portanto, é crucial que a quadrilha mantenha uma postura ativa na promoção da diversidade e inclusão de pessoas LGBTQIAPN+. Os coordenadores da QJEM desempenham um papel fundamental neste caminho, ao repreenderem falas e atitudes discriminatórias, contribuindo para a criação de um ambiente mais acolhedor e respeitoso para todos os participantes. Essa abordagem não apenas pode enriquecer a experiência da dança, mas também, desempenha um papel essencial na construção de espaços mais inclusivos.

A Lei nacional nº 12.390, de 3 de março de 2011, estabeleceu o dia 27 de junho como o Dia Nacional do Quadrilheiro Junino, com o objetivo de reconhecer e celebrar essa importante manifestação cultural. No dia 27 de junho de 2023, Alexandre Burai, presidente da quadrilha,

compartilhou uma mensagem no grupo da equipe, desejando um “Feliz Dia dos Quadrilheiros Juninos” aos membros da quadrilha. Além disso, a junina fez uma postagem em seu perfil no Instagram, reforçando o espírito do Dia Nacional do Quadrilheiro Junino. No dia seguinte, 28 de junho, coincidindo com o Dia Internacional do Orgulho LGBTQIAPN+, a quadrilha mais uma vez se manifestou, enfatizando a importância da comunidade dentro do grupo. Eles demonstraram essa conexão entre a celebração do quadrilheiro junino e a luta pela igualdade e respeito LGBTQIAPN+, o que de certo modo fortalece a inclusão e a diversidade no contexto festivo.

Seria a arte a responsável pelos aspectos positivos e de acolhimento da diversidade na dança junina? E através da arte, seria possível fazer mudanças sociais? Sem dúvidas, a arte junina desempenha um papel fundamental nesse processo, sendo capaz de promover aspectos positivos e, até mesmo, provocar mudanças sociais significativas nas pessoas. Por meio da expressão artística na dança, podemos transmitir mensagens e influenciar opiniões, transformando perspectivas de mundo. A arte, em geral, é uma forma de conhecimento que, ao ser compartilhada, traz consigo diversos aspectos positivos.

A arte junina, assim como outras manifestações artísticas, é vivida e sentida intensamente por pessoas LGBTQIAPN+. Essa comunidade encontra na dança junina não apenas um espaço para expressão cultural, mas também um meio de afirmar suas identidades e resistir a preconceitos. Quadrilhas juninas, como a Encanto Matuto, exemplificam como o movimento artístico pode servir como um veículo de inclusão e transformação social, desafiando normas tradicionais e buscando promover a diversidade.

Além de celebrar a tradição, a dança junina incorpora narrativas contemporâneas, permitindo que questões de gênero e sexualidade sejam abordadas e discutidas. A presença de figuras como as “rainhas da diversidade” nas quadrilhas é um testemunho do poder da arte em quebrar tabus e criar novos espaços de reconhecimento e aceitação. Portanto, a arte junina não só preserva a herança cultural, mas também desempenha um papel vital na promoção da coesão social e na defesa dos direitos e da visibilidade das pessoas LGBTQIAPN+. Ao continuar a evoluir e a adaptar-se aos novos tempos, a dança junina reafirma seu valor como uma poderosa ferramenta de expressão artística e mudança social.

Ao identificar e abordar essas questões, é possível reconhecer os desafios enfrentados pelos integrantes LGBTQIAPN+ ao participarem da quadrilha junina. Isso inclui questões como discriminação, estigmatização e dificuldades de integração já narrados ao longo deste estudo. No entanto, ainda que nenhum espaço seja totalmente acolhedor quando se trata das

questões de dissidências de gênero e sexualidade na atualidade, e que haja sempre ambiguidades, conflitos e tensões presentes, mesmo que de forma sutil, como em gestos, olhares, risos nervosos, caretas, ou até mesmo recusas em ser par de dança, exemplos abordados ao longo deste trabalho, também é importante destacar as mudanças e os sucessos alcançados num esforço coletivo de minimização de práticas discriminatórias, tal como o fortalecimento da autoestima e a construção de redes de apoio solidárias. Assim, é importante destacar pequenos avanços, tais como a repreensão de comentários preconceituosos pelos coordenadores e o simples ato de poder ser autêntico no ambiente da quadrilha, isso já representa um passo importante rumo a mudanças estruturais.

#### **4. Dançam São João<sup>14</sup>: corpo e performance na dança junina**

No universo artístico, o performer é aquele que se apresenta e está envolvido em shows, espetáculos de teatro, dança, música etc. Schechner (2003, p. 25) nos lembra que, na vida cotidiana, “performar é ser exibido ao extremo, sublinhando uma ação para aqueles que a assistem”. No contexto da dança junina, essa performance se torna uma forma intensa de expressão, onde cada gesto e movimento é amplificado para criar um espetáculo visual e emocional que interliga a vida cotidiana e a arte.

Le Breton (2014) destaca que a identidade de gênero não é fixa, mas sim, fluida e dinâmica, e que o corpo, além das dimensões biológicas e sociais, é também um espaço de experiências individuais e subjetivas, manifestando-se em gestos, posturas e expressões faciais. A dança das quadrilhas juninas, com suas coreografias elaboradas e figurinos vibrantes, oferece um espaço privilegiado para essa expressão de subjetividades. Os dançarinos, ao executarem seus movimentos corporais, não apenas seguem uma tradição cultural, mas também afirmam suas identidades únicas, “performando” suas existências e experiências pessoais.

O corpo é o principal veículo de expressão na quadrilha junina. Cada movimento, desde os passos marcados até os giros e saltos, é cuidadosamente coreografado e ensaiado para contar uma história de alegria e celebração dentro da temática<sup>15</sup> abordada pelo grupo. Para Schechner

---

<sup>14</sup> A escolha de escrever “São João” com “u” em vez de “o” reflete a forma como muitos falantes no Nordeste do Brasil pronunciam o nome, com o som do “o” sendo frequentemente pronunciado como “u”. Essa variação fonética é comum na região e faz parte das características linguísticas e culturais locais, destacando a diversidade do português brasileiro e suas expressões regionais.

<sup>15</sup> Cada grupo de quadrilha junina estilizada, voltado para competições, traz consigo um tema ou enredo que rege todo o espetáculo. Cada elemento, desde a escolha das músicas, cores, figurinos, teatralização e cenografia, gira em torno dessa temática, sempre apresentada em um ritmo festivo e vibrante.

(2003, p. 25-26), “fazer performance é um ato que pode também ser entendido em relação a: ser, fazer, mostrar-se fazendo, explicar ações demonstradas”. Essas palavras ressoam aqui, pois os dançarinos não apenas se movem, mas demonstram e sublinham suas ações para o público, transformando cada apresentação em uma narrativa viva.

Tudo se relaciona ao corpo como se tudo estivesse ligado a ele, e não ao espírito. Cada grupo de quadrilha junina possui maneiras distintas de viver e se relacionar. O corpo, o suor, os movimentos, o lugar, tudo que envolve os cinco sentidos, está intrinsecamente conectado à dança e transcende a lógica binária. Os corpos desempenham papéis determinados pela sociedade, seguindo as funções e expectativas estabelecidas. No entanto, corpos dissidentes rompem com essas normas ao desafiar as regras e expectativas impostas sobre gênero e sexualidade.

Mas, qual é o corpo que dança “São João”? Não se trata apenas do corpo dançante em sua expressão técnica, mas de um corpo que carrega histórias, identidades e resistências. Na Encanto Matuto, encontramos uma diversidade de corpos – corpos gordos, magros, trans e dissidentes – que dançam e encantam em suas particularidades.

Foucault (2013) destaca que o corpo sempre estará sujeito às técnicas de poder e disciplina da sociedade, mas propõe uma reflexão crítica sobre essa relação entre o corpo e a sociedade, buscando desnaturalizar as normas e os valores que regem a vida dos indivíduos:

Então, o corpo, na sua materialidade, na sua carne, seria como o produto de seus próprios fantasmas. Afinal, o corpo do dançarino não é justamente um corpo dilatado segundo um espaço que lhe é ao mesmo tempo interior e exterior? E os drogados também, e os possuídos; os possuídos, cujo corpo torna-se inferno; os estigmatizados, cujo corpo torna-se sofrimento, resgate e salvação, ensanguentado paraíso (Foucault, 2013. p.14).

Cada corpo traz consigo uma narrativa única, enriquecendo a performance com suas experiências e perspectivas singulares. A presença desses corpos diversos na Encanto Matuto reforça a ideia de que a dança é uma linguagem universal, capaz de transcender barreiras e unir pessoas em torno de uma celebração comum.

As vestimentas, como as anáguas cheias e armadas para as damas e os chapéus adornados para os cavalheiros, desempenham um papel crucial na performance junina. Esses trajes não só realçam a beleza visual da dança, mas também influenciam diretamente a maneira como os dançarinos são vistos pelo público a partir da forma como se movem e interagem no corpo espetáculo. “Performances afirmam identidades, curvam o tempo, remodelam e adornam

corpos, contam histórias” (Schechner, 2003, p. 27). A precisão dos movimentos e a energia exigida refletem o intenso treinamento e a dedicação dos participantes, criando uma sincronia que é ao mesmo tempo individual e coletiva.

A dança junina é também uma explosão de emoções. A energia coletiva, o ritmo contagiante da música junto com os coloridos das roupas cria um ambiente de euforia e celebração. Para os dançarinos, cada apresentação é um turbilhão de sentimentos, a ansiedade antes de entrar no arraiá, a adrenalina durante os movimentos sincronizados, a alegria de ver o público prestigiar e aplaudir etc. Esses momentos de alta intensidade emocional são uma parte essencial da experiência da dança junina, tanto para os performers quanto para o público.

O corpo dos dançarinos, envolto em tecidos pesados e muitas vezes sufocantes, responde a esse ambiente festivo com suor e cansaço. O suor aqui, longe de ser um simples subproduto físico, se torna um símbolo do trabalho árduo e da paixão investida na performance junina. Ele une os dançarinos em uma experiência compartilhada de esforço e recompensa, tornando cada apresentação uma prova de resistência e dedicação. Além do suor, o toque físico entre os dançarinos, como mãos e braços entrelaçados durante os giros ou os passos em conjunto, reforça uma sensação de proximidade e afinidade. Essas interações físicas intensificam as emoções e criam uma conexão entre os membros da quadrilha, assim como com o público. De certa forma, o público se torna uma das peças mais importantes, pois é ele o espectador que faz a festa acontecer.

Ainda segundo Schechner (2003, p. 28), “a particularidade de um dado evento está não apenas em sua materialidade, mas em sua interatividade. [...] ocorre apenas em ação, interação e relação. A performance não está em nada, mas entre”. No contexto da quadrilha junina, o performer não é apenas aquele que está dançando, mas todos os envolvidos que fazem o espetáculo acontecer. Isso inclui o público, a banda, o técnico de som e os apoiadores da quadrilha – desde quem monta e segura o cenário até quem conecta os fios para acender as luzes.

A dança junina também pode ser vista como uma performance política, especialmente para corpos dissidentes e marginalizados como os das pessoas trans e gays destacadas ao longo das narrativas e análises deste estudo. Ao performar, esses indivíduos afirmam suas identidades e desafiam normas sociais, transformando o arraiá em um espaço de resistência e visibilidade. Schechner (2003, p.27) afirma que “performances artísticas, rituais ou cotidianas são todas feitas de comportamentos duplamente exercidos, comportamentos restaurados, ações performadas que as pessoas treinam para desempenhar, que têm que repetir e ensaiar.” Na dança

junina, cada ensaio, apresentação e repetição é uma oportunidade para afirmar a existência e a resistência desses corpos políticos.

Eu, autor deste estudo, mas também observador participante ou participante observador, sinto que as sensações de estar performando no arraiá em uma quadrilha junina são vastas e complexas, e que cada corpo tem uma experiência individual e única dessa festividade. Imagine você, leitor, fazendo algo que ama e que lhe proporciona prazer, ou que lhe evoca um misto de emoções, tais como nervosismo, ansiedade, medo, felicidade, êxtase... Performar na dança junina é isso, um ato de ser, fazer e mostrar-se fazendo, uma celebração de identidades, histórias e corpos em movimento.

Para concluir este tópico, será apresentada uma série fotográfica que constrói uma importante narrativa imagética deste estudo. As imagens a seguir foram coletadas durante o trabalho de campo na tentativa de capturar a essência das emoções e da energia das apresentações da quadrilha junina e que não são possíveis de serem descritas por completo em texto. Algumas das imagens são provenientes do acervo da própria Quadrilha Junina Encanto Matuto (QJEM) e foram publicadas em seu Instagram, evidenciando o valor e a autenticidade dessas memórias visuais. Outras foram capturadas por mim, usando a câmera do meu celular (Samsung S23 FE). O objetivo das fotos é proporcionar uma compreensão mais clara dos conceitos abordados ao longo deste estudo, destacando a performance corporal, a estética e as emoções presentes na dança junina da QJEM.

Segundo Samain (2012, p. 25), “as fotografias podem fazer pensar, refletir, suscitar debates, voltas ao real ou, ao contrário, escapadas no imaginário.” Ele argumenta que uma imagem é uma “forma que pensa”, pois as ideias que ela transmite e desperta em nós só se tornam possíveis porque a imagem é imbuída de histórias e memórias que a precedem. As imagens se alimentam dessas narrativas passadas antes de renascer, reaparecendo aqui e agora e, possivelmente, no futuro, reformulando-se em novas direções e formas singulares.

Para os participantes das quadrilhas juninas, esse tipo de registros fotográficos não são apenas visuais, mas também, catalisadores de memórias e emoções. Ao fecharem os olhos, podem evocar essas imagens e acessar “fotografias mentais” que capturam a essência das danças, das celebrações e das identidades que compõem esse universo cultural. As imagens não apenas documentam momentos, mas também narram histórias que ressoam no presente e se projetam no futuro, alimentando um ciclo contínuo de lembranças e inspirações.

As imagens foram capturadas e coletadas nos anos de 2023 e 2024, durante o período desta pesquisa. Algumas fotos de ensaios e momentos fora das apresentações são minhas, de

acervos próprios. As imagens das apresentações, por sua vez, foram feitas por outras pessoas, uma vez que eu (participante observador) estava envolvido na dança e não pude fotografar.<sup>16</sup> As fotos apresentadas em preto e branco foram incluídas intencionalmente para retratar momentos de preparação da quadrilha; enquanto as imagens coloridas mostram os momentos de apresentação.

---

<sup>16</sup> Com relação a isso, é válido destacar que, enquanto pesquisador e dançarino de quadrilha junina, enfrentei o desafio de equilibrar as duas funções. A participação direta trouxe a dificuldade de observar as relações e os acontecimentos ao redor, já que a atenção estava dividida entre a prática e a pesquisa.



Figura 1 - "Onde tudo começa." Reunião da coordenação da QJEM. Fonte: Acervo pessoal do autor. Ano de 2023.



Figura 2 - Ensaio geral na praça Assis de Brito. Fonte: Fotografo Valdinei. Ano de 2024.



Figura 3 – Diversidade de corpos femininos. Damas da quadrilha em ensaio geral. Fonte: Acervo Pessoal do autor. Ano de 2023.



Figura 4 – Aylla Drika no ensaio geral da quadrilha na quadra da praça Assis de Brito. Fonte: Fotografo Valdinei. Ano de 2024.



Figura 5 – Ensaio geral da QJEM na casa da cultura. Fonte: Acervo Pessoal do autor. Ano de 2023.



Figura 6 – Ensaio na quadra da escola Helena Fernandes. Fonte: Fotografo Valdinei. Ano de 2024.



Figura 7 – Momento de oração antes de iniciar o ensaio. Fonte: Acervo pessoal do autor. Ano de 2023.



Figura 8 – Viagem para Belém – PB. Fonte: Acervo pessoal do autor. Ano de 2023.



Figura 9 – Rainha da diversidade, Kevillyn Fada. Festival das estrelas juninas, João Pessoa – PB. Fonte: Fotografia por Daniel Silva. Ano de 2023.



Figura 10 – Festival de quadrilhas juninas de Mari – PB. Fonte: Acervo da quadrilha. Ano de 2023.



Figura 11 – Festival de quadrilhas juninas de Itapororoca. Fonte: Acervo da quadrilha. Ano de 2024.



Figura 12 – Festival de quadrilhas juninas de Itapororoca. Fonte: Acervo da quadrilha. Ano de 2024.



Figura 13 – Festival de quadrilhas juninas de Logradouro – PB. Fonte: Acervo da quadrilha. Ano de 2024.



Figura 14 – Festival de quadrilhas juninas de Pilõesinhos – PB. Fonte: Acervo da quadrilha. Ano de 2023.



Figura 15 – Público no festival de quadrilhas juninas de Itapororoca. Fonte: Acervo pessoal do autor. Ano de 2024.

## Considerações finais

A pesquisa etnográfica realizada junto à Quadrilha Junina Encanto Matuto de Itapororoca – PB revelou a complexidade das interações sociais e das expressões de gênero e sexualidade dentro desse contexto cultural específico. Ao longo do estudo, foi possível observar como a quadrilha junina se transforma em um espaço de acolhimento e resistência para jovens com dissidências de gênero e sexualidade, permitindo-lhes encontrar na dança e na sociabilidade um refúgio diante das adversidades e preconceitos presentes na sociedade, mesmo que também enfrentem desafios internos, refletindo as tensões e contradições inerentes a qualquer espaço de convivência humana.

As análises apresentadas ao longo deste estudo destacam a importância de se enxergar os grupos de quadrilhas juninas não apenas como manifestações culturais tradicionais, mas como palcos dinâmicos onde questões de identidade, gênero e diversidade são constantemente negociadas e expressas. Além disso, esses grupos também representam espaços significativos de lazer e sociabilidade juvenil, onde as interações sociais e a convivência em comunidade desempenham um papel crucial.

No contexto da pesquisa, observou-se o interesse da comunidade LGBTQIAPN+ de participar da QJEM, mas também, de garotos cis héteros. Além disso, foi possível perceber, como já destacado, que as questões de lazer, sociabilidade, corpo e performance estão profundamente entrelaçadas nesses grupos.

Olhando para um cenário mais geral, o ambiente da quadrilha junina pode parecer socialmente acolhedor, mas, ao observarmos de perto, nas experiências individuais, o preconceito se torna evidente em olhares, comentários e atitudes dentro do próprio grupo. No entanto, ainda que o preconceito se manifeste ocasionalmente dentro dos ambientes da quadrilha, ele é significativamente “menor” comparado ao que pessoas com dissidências de gênero e sexualidades enfrentam em outras esferas da sociedade. Por isso, a quadrilha junina ainda se estabelece como um espaço positivo para pessoas com expressões de gênero que desafiam normas tradicionais.

Embora a quadrilha junina seja uma manifestação cultural tradicionalmente associada a padrões de comportamento heteronormativos e patriarcais, a investigação sobre a inclusão de pessoas LGBTQIAPN+ nesse contexto específico desencadeia um impacto que transcende a simples celebração. Esta pesquisa revela a possibilidade de desconstruir preconceitos e estereótipos enraizados, ao mostrar a diversidade presente nessa tradição cultural.

O estudo constatou que a estética mais moderna e estilizada adotada por algumas quadrilhas, como a QJEM, permite a participação de pessoas de diferentes identidades de gênero e sexualidades dançando e expressando-se como elas desejarem, rompendo com a visão tradicional de gênero, na qual “homem dança de homem e mulher dança de mulher”, e criando um espaço onde a autenticidade é não apenas aceita, mas celebrada. Essa abordagem pode contribuir significativamente para o processo de autodescoberta e aceitação das meninas transexuais, conforme as experiências da Fada e da Drika apresentadas no estudo, que, ao se expressarem como damas juninas, ganham visibilidade e se percebem dessa forma, aumentando sua autoestima e confiança para enfrentar outros ambientes sendo elas mesmas. Essa dinâmica enriquece as experiências individuais, promove uma maior inclusão e entrelaça questões de lazer e sociabilidade entre os jovens de Itapororoca.

A determinação desses e dessas jovens em enfrentar adversidades, como a resistência familiar e as percepções negativas, evidencia que a jornada na quadrilha transcende a mera busca por entretenimento. Nota-se que, no coração das quadrilhas juninas, o palco é mais do que um espaço de dança coordenada; é um território tenso de negociações, aceitação e expressão das identidades individuais, desafiando normas e afirmando o direito universal de ser quem se é e quem se quer ser.

É digno de nota o esforço dos coordenadores da quadrilha em reprimir atitudes preconceituosas, representando um passo significativo na construção de um ambiente mais respeitoso. Embora o principal responsável por essas ações seja Aldo, um homem gay, isso evidencia a importância de pessoas com diferentes identidades de gênero e sexualidades ocuparem posições de liderança. Sua presença permite que questões de gênero e sexualidade sejam tratadas com mais seriedade no grupo, impactando diretamente os jovens. Isso promove um espaço minimamente inclusivo, onde aqueles cuja identidade foge dos padrões estabelecidos pela sociedade possam ser respeitados e aceitos. No entanto, ainda existem contradições, como evidenciado pelo ‘Bloquinho da Encanto,’ cuja organização também está sob a responsabilidade da coordenação do grupo.

Reafirmo que este estudo contribui significativamente para o campo da antropologia ao proporcionar uma visão interna e participativa (de perto e de dentro) das dinâmicas de gênero, sexualidade e sociabilidade em um contexto específico, enriquecendo o debate acadêmico sobre dissidências de gênero, sexualidades e, a consequente inclusão em grupos sociais.

Com a incorporação de um tópico imagético, apresentamos fotos e registros coletados durante a temporada de 2023 e 2024 da QJEM. Aos meus olhos, essas imagens capturam

momentos importantes, evidenciando a vivacidade e a diversidade das expressões de gênero e sexualidade em cena. O uso desse recurso visual complementa o que a análise escrita se esforça em apresentar, oferece uma perspectiva mais tangível das interações e performances descritas e reforça a importância da imagem como ferramenta etnográfica e narrativa que contribui na compreensão das complexidades culturais.

Por fim, sugere-se que futuras pesquisas investiguem diferentes grupos e contextos para aprofundar a compreensão das variadas formas de expressão, sociabilidades e resistência cultural nas festas juninas e outras manifestações populares. Este estudo foi enriquecido pelas histórias compartilhadas em entrevistas e conversas informais ocorridas durante eventos, ensaios, apresentações e encontros da QJEM. As observações e inquietações surgidas em campo, assim como as experiências vivenciadas, permeiam a análise, entrelaçando aspectos de gênero, sexualidade, cor, raça, família e outros temas que, embora não tenham sido aprofundados aqui, fornecem subsídios valiosos para investigações futuras. É desejável que as reflexões apresentadas inspirem ações concretas voltadas à criação de ambientes mais inclusivos e acolhedores, tanto na cultura popular quanto na sociedade como um todo, sublinhando a importância da diversidade como um valor essencial para a convivência humana.

### Referências bibliográficas

CAMPONERO, M. C.; LEITE, E. *Patrimônio: Lazer & Turismo*. v.7, 2010.

CARVALHO, B. & COSTA, C. *Festas de São João: Das Origens à Atualidade*. In: Revista Festividades, Culturas e Comunidades: Patrimônio e Sustentabilidade. Editora: UMinho. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.73.6>

CHIANCA, L. O AUXÍLIO LUXUOSO DA SANFONA”: TRADIÇÃO, ESPETÁCULO E MÍDIA NOS CONCURSOS DE QUADRILHAS JUNINAS. In: *Revista Observatório Itaú Cultural: OIC*. n. 14 (mai. 2013). São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

\_\_\_\_\_. *Quadrilha junina e cidade, mercado e beleza da obra*. Revista Mundaú, 2018, n. 5, p. 126-141.

CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. In: GONÇALVES, J. R. S. (Org.) Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2. ed. 2002.

FERNANDES, M. *Festas juninas*. Revista Toda Matéria. Atualizado em 2021. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/festas-juninas/>. Acesso em: 29 de mar. 2024.

FERNANDES, P. H. C. *A vida social e a sociabilidade na pequena cidade de Nova Tebas (PR)*. Geografia em Questão, v. 11, n. 01, p. 131-146, 2018.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico*. In: FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo. 2013.

GONZALES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2022). *População*. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pb/itapororoca.html>. Acesso em: 19 mar 2024.

LE BRETON, D. *Corpo, gênero e sexualidade*. In: FERRARI, A. (et al). *Corpo, Gênero e Sexualidade*. Lavras MG. 2014.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Cap. 1 e 2. Vozes. 1997.

MAGNANI, J. *O lazer na cidade*. Texto apresentado ao Condephaat para fundamentar o processo de tombamento do Parque do Povo. São Paulo, 4 de julho de 1994.

MORENO, K. G. S. S. *As práticas espaciais e a sociabilidade de jovens de diferentes gerações na praça central em cidades pequenas: o caso de Oriente-SP*. *Formação (Online)*, v. 28, n. 53, p. 487-516, 2021.

ROSA, M. C. Festa na cultura. In \_\_\_\_ (Org.) *Festa, lazer e cultura*. Campinas: Papirus, 2002.

RUBIN, G. S. *Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade*. In: ABELOVE, H.; BARALE, M, A.; HALPERIN, D. *The Lesbian and Gay Studies Reader*. London/New York: Routledge, 1992.

SAMAIN, E. *As imagens não são bolas de sinuca: como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicam. p. 21-36. 2012.

SHECHNER, R. *O que é performance?* in: *O percevejo*. Rio de Janeiro: Revista de teatro, crítica e estética. ano 11, n. 12. 2003.

SILVA, A. S. M. *Um estudo sobre as transformações da quadrilha junina explosão nordestina (Santa Rita - PB)*. João Pessoa: UFPB. 2019.

SIMMEL, G. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal. In: *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VIEIRA, M.; PAGLIARINI, B. B. *Transfeminismo*. In H. Buarque de Hollanda (Org.), *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade* (pp. 131-144). São Paulo: Companhia das Letras. 2018.

---

*Emitido em 15/04/2025*

**MONOGRAFIA Nº 3/2025 - CCAE - CACI (11.01.27.09)**  
**(Nº do Documento: 3)**

**(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

*(Assinado digitalmente em 15/04/2025 14:29 )*  
**ELLOISY ANDRADE DE OLIVEIRA ALMEIDA**  
*ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO*  
*3393565*

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **3**,  
ano: **2025**, documento (espécie): **MONOGRAFIA**, data de emissão: **15/04/2025** e o código de verificação:  
**4bff6e891b**